

Transfigurações

Gustavo Paiva

BIOGRAFIA DO AUTOR

Escritor frustrado de diários, Gustavo inventa seus dias, tece memórias falaciosas e, nas horas vagas, escreve alguns passos de dança pelas ruas da cidade. É metido com as Letras, quem sabe um dia venha a ser chamado de “mestre”. De todo modo, a única certeza é que se considera “indubitavelmente geminiano”.

RESUMO DO TEXTO

Este texto foi elaborado a partir de uma experiência real do mundo pelo autor. Qualquer engraçamento com a imaginação é mero capricho das palavras.

Foi com imensa alegria que toquei em uma flor e ela se fez larva. Também com certa alegria pousei meus lábios nos teus e eles se retraíram de pavor e desejo, dois estragos de perfeita harmonia. Não soubemos o que fazer em seguida. Aguardemos, então, por um sinal.

A alegria é um morfema zero.

Existe em símbolo.


Mas os lábios que tentam pronunciá-la se contorcem feito larvas.

Deus cria coisas inigualáveis para serem completamente esquecidas. Veja o nascer do sol, digo a mim mesmo. Veja as ondas de som que se propagam da boca, crescendo intocáveis, invisíveis. Veja a roupa pendurada na corda que balança ao vento. No exato momento em que notamos a natureza e os seres humanos, nós mesmos nos tornamos Deus. E assim Ele descansa. A natureza, porém, é contínua e sussurrante. A natureza é o que há de mais perfeito e sublime, pois não conhece cansaço. Ela vê que quando toco uma flor, esta se transforma em pura magia, mas não me acusa a Deus. Cansaço é um dom exclusivo Dele e dos humanos que habitam o universo. A natureza não tem pálpebras.




Hoje quando acordei a luz do sol me olhava o rosto. Percebi, então, que quando me deitei, havia me esquecido de fechar a janela. Ignorando a natureza, não concedi a Deus o seu sagrado descanso. E, por vingança, Ele se lembrou de mim. Raríssimas são as vezes em que Ele se lembra dos mortais. Uma vez me disseram que Deus carrega o peso do universo e que o universo tem o peso de uma nuvem. E que isso Lhe é apenas suportável. Embora desconheça o peso exato de uma nuvem, sei que o tempo deve ser leve como nuvem, porque cabe num buraco de fechadura. Tenho a impressão de que Deus desconhece o peso do tempo e talvez o tempo seja muito maior do que Ele. Mas vamos esquecê-Lo por enquanto. Voltemos à larva.

Neste instante a larva se fecha em casulo de borboleta e a flor já se tornou palavra. Tudo é contraditório e insustentável nas transformações que vejo. Tudo é horrendo e grandioso, e estamos acostumados assim porque perdemos o dom do espanto. Eu mesmo, quando enfeiticei uma flor, não esbocei alternância alguma em minha alegria. Minhas alternâncias de humor são mistérios divinos. Percebo que a mera invenção do poder de transfiguração falhou; não o poder em si, mas seu efeito em mim. Tudo é muito igual e as palavras perdem a sua força e estes tempos críticos turvam e acostumam nossa mente já cansada. Tenho fome de acontecimentos.

Mas agora veja aqueles jovens sentados na grama deste parque. Veja o quão comovente é o toque de suas mãos quentes e frias. Tem sabor de esquecimento. Agora meus passos têm barulho de galhos secos sendo esmagados e isso atormenta os cupins. Os galhos secos têm barulho de passos de formigas sobre galhos. Eu não os ouço. Eu que vivo em hábitos. Tudo no mundo urge barulhos (não esquecer que o silêncio é ensurdecido por um mundo de barulhos, assim como as cores do mundo somadas resultam no branco cruel e veloz da via



láctea), mas eu me esqueci de escutá-los. A raça humana é toda distinta e incompreensível, e estamos todos ligados por imenso fio de cômodo balanço. Vai e volta. Veja as duas grandes árvores que sustentam roupas pesadas de história, de existências coloridas, xadrezes, brancas e pretas. Não fosse a vida, a vida teria tons pastéis. Estamos mais próximos da vida do que da natureza, ao contrário dos animais, que são verdes por dentro e têm almas espiralizadas feito larvas. Isto é a vida e só podemos pedir que ela nos perdoe. Ouça o Deus que implora nosso perdão por sua insensibilidade celestial. Talvez Ele seja daltônico, mas não é nossa culpa. Eu vos perdoe qualquer coisa, se isso bastar. Ele lamenta, enquanto sigo em frente.



Aproximo-me dos jovens no gramado. Meu coração se enche de alegria, pois sinto que eles pensam o mesmo pensamento oblíquo um do outro. Sinto seus vazios sendo abertos em buracos profundos. Túneis imensos. Raízes invisíveis pesam esses jovens no chão. Eles pensam e não sabem. Eles são leves e Deus se orgulha deles. Mas enquanto me aproximo, minha eterna dúvida são seus olhos doces e gentis. Sou facilmente hipnotizado por olhos gentis e olhando-os, me configuro facilmente em suas existências e enxergo de dentro (é isto o acontecimento?). Subitamente sou um deles, mas quem? Sinto imensa paz no desespero de não saber que algo me acontece. No exato momento em que me pergunto: o que está acontecendo? o que é o futuro? qual o próximo sentido?, sinto o gosto vermelho daquele que me toca os lábios e que não sou eu e que talvez saiba que sempre fui eu. Ouço passos de formigas sobre flores secas. Sinto a alma estremecer e se contorcer feito larva. O sol toca levemente minha pele e o vento balança a minha história (é isto o mundo?). O mundo está isento de linguagem, minha visão embranquece. As ondas sonoras invisíveis da minha voz estão presas no buraco da fechadura do grande Deus. Meu sangue é verde como o dos animais. Aqueles olhos doces e turvos e gentis, tão gentis. Sou tão leve quanto o desejo que o tempo carrega nos ombros e que é todo o universo. Mas meus lábios não se retraem. Acontece um desejo. Esqueço que escrevo. Sou habitado.